



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MARIA GERLANE ALVES DE SOUSA

**VOZES BENDITAS:
HISTÓRIAS DE VIDA DE BENZEDEIRAS E BENZEDEIROS
NO POVOADO VALE VERDE**

TOCANTINÓPOLIS (TO)

2018

MARIA GERLANE ALVES DE SOUSA

**VOZES BENDITAS:
HISTÓRIAS DE VIDA DE BENZEDEIRAS E BENZEDEIROS
NO POVOADO VALE VERDE**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação e em Artes e Música, sob a orientação da Professora Mestra Cássia Ferreira Miranda.

TOCANTINÓPOLIS (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725v Sousa, Maria Gerlane Alves de.

Vozes Benditas: Histórias de Vida de Benzedeadas e Benzedeados no Povoado Vale Verde. / Maria Gerlane Alves de Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2018.

57 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientadora : Cássia Ferreira Miranda

1. Benzedeadas e Benzedeados. 2. Cura. 3. História Oral. 4. Cultura. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA GERLANE ALVES DE SOUSA

VOZES BENDITAS: HISTÓRIAS DE VIDA DE BENZEDEIRAS E BENZEDEIROS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 03/12/2018

Banca Examinadora:

Gustavo Cunha de Araújo

Prof. Ms. Gustavo Cunha de Araújo, representante da orientadora Profa. Ms. Cássia Ferreira Miranda, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Mara Pereira da Silva

Profa. Ms. Mara Pereira da Silva, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Judite da Rocha

Profa. Ms. Judite da Rocha, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Dedico este trabalho a minha família, a todos que de alguma forma contribuíram durante a minha jornada acadêmica e as/os benzedeiras/os que encontrei nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me concedido a benção desde a aprovação do vestibular, pelas fontes de sabedoria que me dessem durante toda essa caminhada, e por toda minha vida. Aos meus pais José Carneiro de Sousa e Marinalva Alves de Sousa e minha tia/madrinha Maria Helena Alves de Sousa, que, mesmo de longe, sempre me deram apoio para continuar lutando por meus objetivos.

Agradeço ao meu companheiro Franciel Lopes de Amorim, por toda compreensão e parceria nos momentos mais difíceis. Me dando incentivo e força para lutar. Foi ele quem me estendeu a mão quando iniciei essa jornada, dando todo auxílio para seguir em frente, mesmo diante de todas as dificuldades. Agradeço, também, aos demais integrantes da família Satflo que me apoiaram durante todo esse tempo.

À minha orientadora, Prof. Ma. Cássia Miranda, por, mesmo à distância, me acompanhar com toda paciência e dedicação no decorrer da elaboração deste trabalho. Estendo meus agradecimentos as professoras Mara Pereira e Judite da Rocha que gentilmente aceitaram participar da banca contribuindo com o trabalho.

Às minhas colegas de turma - turma Rejane Medeiros-, em especial sêxtuplo, Taylane Fernandes da Silva, Ludimila Silva Almeida, Sabrina Borges de Oliveira, Yonara Laize Rocha Cruz e Daíla Bezerra Saraiva, que fizeram parte de toda minha jornada acadêmica, estando sempre comigo nos momentos de tristezas e alegrias.

Às pessoas que cederam as entrevistas - Marinalva Alves de Sousa, Cícero Costa de Oliveira, Ana Luzia Carneiro de Souza e Antônio Alves de Souza -, pois sem elas eu não teria conseguido realizar este trabalho.

Muito obrigado a todos, por fazerem parte da minha vida!

“O saber a gente aprende com os mestres e com os livros. A sabedoria, se aprende é com a vida e com os humildes” (Cora Coralina).

RESUMO

Esta pesquisa busca conhecer e registrar as histórias de vida dos benzedeiros e benzedoiras que atuam no Povoado Vale Verde, no município de Maurilândia-TO. A coleta de material se deu por meio de entrevistas realizadas com quatro pessoas, homens e mulheres, com idades entre 40 a 85 anos. No estudo utiliza-se a metodologia de pesquisa qualitativa, com abordagem em história oral. Esse método se insere na pesquisa por ser um procedimento relevante que apresenta oportunidade de conhecer melhor os relatos e impressões dos participantes da pesquisa. Os depoentes são pessoas simples e humildes e benzem aqueles que os procuram sem realizar qualquer cobrança financeira, apenas por acreditarem que possuem um dom e por se preocupar com a saúde dos que precisam. As/os benzedoras/os são moradores antigos da comunidade, sendo reconhecidos pela vocação que possuem na tradição da benzedura. A partir das entrevistas foi possível constatar que a benzedura está ameaçada de extinção na comunidade, pois aprender essas práticas não tem sido uma questão valorizada pelas novas gerações. Além disso, foi realizado o levantamento e registro da forma como o aprendizado da benzedura é adquirido, quais são as principais rezas utilizadas, entre outros fatores, buscando compreender como se dá a prática desse ritual na comunidade pesquisada, a fim de valorizar esse importante elemento da cultura popular.

Palavras-Chaves: Benzedoiras e benzedeiros, Cura; História Oral; Cultura; Comunidade.

ABSTRACT

This research seeks to know and record the life stories of the benzedeiros and benzedoiras who work in the Vale Verde Village, in the municipality of Maurilândia-TO. The material collection was done through interviews conducted with four people, men and women, between the ages of 40 to 85 years. In the study we use the methodology of qualitative research, with an approach in oral history. This method is inserted in the research because it is a relevant procedure that presents an opportunity to know better the reports and impressions of the research participants. The deponents are simple and humble people and bless those who seek them without any financial charge, just because they believe they have a gift and care about the health of those who need it. The benzedoiras are ancient residents of the community, being recognized by the vocation they have in the tradition of blessing. From the interviews it was possible to verify that the benzedura is threatened with extinction in the community, since learning these practices has not been an issue valued by the new generations. In addition, a survey was carried out and recorded on how the learning of the benzedura is acquired, what are the main prayers used, among other factors, trying to understand how the practice of this ritual in the community studied is performed, in order to value this important element of popular culture.

Key-words: Benzedoiras and benzedeiros, Healing; Oral History; Culture; Community.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Mapa do estado do Tocantins, indicando o município de Maurilândia-TO..	20
Imagem 2 Vista da Localização da cidade de Maurilândia-TO.....	21
Imagem 3 Foto de Cícero Costa de Oliveira.	31
Imagem 4 Foto de Antônio Alves de Souza.	32
Imagem 5 Foto de Marinalva Alves de Sousa.....	33
Imagem 6 Foto do ramo “vassourinha”.....	42
Imagem 7 Foto do pano mais usado na reza da arca caída, antes da efetuação.....	43
Imagem 8 Foto do pano usado na reza da arca-caída, depois da efetuação.....	44
Imagem 9 Instrumentos utilizados na cura da dor de cabeça.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I OS CAMINHOS DA CURA	14
1.1 O ATO DE BENZER	14
1.1.1 Concentração e o dom	17
1.2 A CIDADE DE MAURILÂNDIA DO TOCANTINS - TO	19
CAPÍTULO II A HISTÓRIA ORAL DAS/OS BENZEDEIRAS/OS NA CIDADE DE MAURILÂNDIA-TO	23
2.1 O ESTUDO DAS NARRATIVAS ORAIS A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL	23
2.2 A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR A MEMÓRIA	25
2.3 OS CAMINHOS DA PESQUISA	27
2.3.1 Percursos geográficos.....	28
2.3.2 Os/ as depoentes e a coleta do depoimento	29
2.3.2.1 Cícero Costa de Oliveira	30
2.3.2.2 Antônio Alves de Souza	31
2.3.2.3 Ana Luzia Carneiro de Souza	32
2.3.2.4 Marinalva Alves de Sousa	32
CAPITULO 3 AS EXPERIÊNCIAS DE CURA NO POVOADO VALE VERDE.	34
3.1 O APRENDIZADO DA BENZEDURA	34
3.2 O OLHAR SOBRE A PRÁTICA.....	37
3.3 UM OLHAR SOBRE A MEDICINA OFICIAL E A MEDICINA POPULAR/TRADICIONAL	39
3.4 OS TIPOS DE REZAS PRATICADAS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A FOTOGRAFIA DA CASA DO CÍCERO.....	51
APÊNDICE B FOTOGRAFIA DO CÍCERO EM SUA RESIDENCIA.....	52
APÊNDICE C FOTOGRAFIA DA MARINALVA.	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Habilitação em Artes e Música, se intitula *Vozes benditas: Histórias de vida de benzedeadas e benzedeados no Povoado Vale Verde*. O intuito dessa obra é conhecer, registrar e refletir sobre as vivências de benzedeadas e benzedeados em um povoado da cidade de Maurilândia-TO, denominado: Povoado Vale Verde, atentando para as interpretações dessa prática elaboradas pelos praticantes dessa comunidade. O título desse TCC faz referência a nomenclatura atribuída a tal ritual: benzer, abençoar, sagrar, dizer o bem para alguém. Sendo assim, o título objetiva focar na importância das vozes das pessoas que tem a prática de bem-dizer outras pessoas, que, no ritual de cura, tornam suas vozes – atreladas aos gestos – abençoadas, bentas... benditas.

Inicialmente gostaria de ressaltar que ao entrar na Universidade Federal do Tocantins, no ano de 2015, ao longo das aulas do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, fui me interessando pela disciplina de História de Vida, na qual o objetivo principal era trabalhar os relatos de experiência de vida das pessoas, utilizando-os como fonte de pesquisa e conhecimento. A partir das entrevistas coletadas para uma atividade da disciplina de História de Vida, tive a oportunidade de conhecer várias narrativas dos moradores que habitam atualmente a cidade de Maurilândia-TO. Uma das pessoas entrevistadas me chamou muita atenção, pois em algumas das suas falas pontuou que na cidade havia muitas pessoas trabalhando com a benzedura.

Foi a partir daí que surgiu o interesse, uma imensa curiosidade, de saber mais sobre como eram os processos e técnicas utilizados para realizar esses rituais de cura, ou seja, as benzeduras. Ao pesquisar esses relatos de experiências de vida na minha comunidade, constatei a necessidade de abordar o assunto de maneira mais atenta, pois é uma prática que enfrenta diversos preconceitos e que precisa ser respeitada como parte de uma tradição cultural das comunidades. O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a cidade de Maurilândia-TO, pois lá que estudei durante todo o meu Ensino Fundamental e Médio, e gostaria de atuar em uma comunidade que me é familiar. Devido a dificuldades ao entrevistar as benzedeadas (os) da cidade, por não quererem ceder as suas falas, tive que estender a pesquisa ao Povoado Vale Verde, local esse que fui criada e morei até o ano de 2011 com meus pais. Durante a pesquisa fiquei surpresa pois morei

muitos anos na comunidade e nunca tinha percebido o saber da benzedura no local, principalmente dentro da minha própria família. No entanto, a partir da escolha do tema proposto para o desenvolver do trabalho, foram surgindo diversas informações e fui redescobrimo a comunidade. Entre as questões norteadoras da pesquisa, destaco:

Quem são as pessoas que praticam a benzedura na comunidade e como vivenciam essa prática? Elas continuam usando a benzedura no Povoado Vale Verde como instrumento para a cura, independente do acesso a medicina oficial, no posto de saúde? Há alguma tensão entre os tratamentos da benzedura e dos médicos na comunidade? Quais os métodos utilizados pelas benzedadeiras (os)? Como os saberes da cura foram assimilados? É atribuído algum valor econômico a essas práticas?

Para obter as respostas dessas perguntas, fiz um levantamento bibliográfico a respeito do tema e da metodologia proposta, fui a campo e realizei entrevistas com quatro pessoas benzedeiros (as). O primeiro foi escolhido por indicação de um benzedeiro que não quis ceder a sua entrevista. Em seguida, foram indicando uns aos outros. Deste modo o trabalho está dividido em 3 partes.

No capítulo 1, *Os caminhos da cura*, início fazendo uma abordagem sobre o ato de benzer, mostrando a importância dessa prática como elemento da cultura brasileira, alguns aspectos da história da benzedura no Brasil, atentando para a questão do aprendizado da benzedura e a atribuição da existência do dom nas pessoas que benzem, e, por fim trago, a história do local da minha pesquisa.

No Capítulo 2, *A história oral das benzedadeiras (os) na cidade de Maurilândia-TO*, inicio fazendo uma abordagem dos aportes metodológicos utilizados na pesquisa, focalizando na metodologia qualitativa em história oral. Relato a importância de trabalhar com as memórias, trago os caminhos percorridos na pesquisa e apresento as entrevistadas (os) da minha pesquisa.

No Capítulo 3, *As experiências de cura no Povoado Vale Verde*, venho mostrar os relatos das entrevistadas (os), a partir da prática da benzedura, enfatizando o olhar das depoentes em relação as suas práticas, propondo dar visibilidade aos conhecimentos e memória dos entrevistados. Neste capítulo faço, com mais afinco, minha análise dos relatos das depoentes da minha pesquisa, aqui intituladas *vozes benditas*.

Busco com esta pesquisa contribuir para a memória da benzedura na cidade de Maurilândia, reconhecendo as memórias da comunidade, contribuindo para a valorização dos saberes e fazeres locais.

CAPÍTULO I OS CAMINHOS DA CURA

Neste capítulo abordo o ato de benzer - benzedura, reza, benzimento ou benzeção - apresentando a importância dessa prática enquanto parte da cultura popular brasileira. Traço um panorama da história das benzedoras e dos benzedores no Brasil, algumas questões identitárias, a importância desse ritual nas comunidades e como é o processo de aprendizagem da benzedura. Além disso, abordo questões envolvendo o dom que as pessoas que benzem acabam assimilando para si, se considerando dotadas de uma conexão com o sobrenatural, com o Divino. Por fim, trago informações acerca do meu local de pesquisa, o Povoado Vale Verde, no município de Maurilândia-TO, destacando sua história e principais características.

1.1 O ATO DE BENZER

O ato de benzer é um importante elemento da cultura popular do nosso país. A cultura popular está atrelada as características inerentes a grupos sociais, seus modos de vivenciar e dar significado as suas experiências de vida e suas relações entre o grupo e com outros grupos. Com relação, ao conceito de cultura popular, Cunha (2018, p.23) pontua que:

Entendemos por cultura popular todos os saberes de determinados grupos sociais que se manifestam através de diferentes vertentes, tais como a culinária, a música, a dança, o esporte e as crenças religiosas. A cultura popular é a manifestação dos costumes e tradições de um povo e tem como carro-chefe a tradição oral para o repasse de seus saberes.

Sendo um conhecimento construído pelos povos, adquirindo diferentes significados nas comunidades, a benzedura é um traço importante da cultura popular. De acordo com o dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2008, p.97), a benzedura é uma “reza proferida por leigo com o intuito de afastar o mal”. Por se tratar de uma forma leiga de afastar o mal, aqueles que benzem exercem uma medicina popular - diferente da tida como oficial - por, entre outros fatores, não estarem atrelados a uma formação acadêmica específica. “A benzeção ou benzimento, como outras práticas religiosas e médicas populares, começou a se desenvolver no Brasil ainda no período colonial, no século XVII” (MARIN; COMIM, 2017, p.447). A bênção é uma prática que está presente no País desde seus primórdios. As populações nativas tinham seus próprios rituais

relacionados a cura que, no contato com os povos imigrantes, deram origem as formas de benzer que temos nos dias de hoje, com fortes traços do catolicismo, da cultura indígena, das religiões de matriz africana e do espiritismo. Sendo assim, o que conhecemos hoje, surgiu da mistura de diversos povos e de sua forma de lidar com a doença e a cura:

As práticas e representações associadas à cura têm caráter histórico e cultural. No Brasil ocorreu a confluência das formas de curas europeias com aquelas praticadas pelos nativos e pelos povos africanos escravizados. Surgiu assim uma miscelânea de práticas, de forma que não foi pacífica a relação entre agentes de cura tais como os curandeiros, as benzedoras, as parteiras, os barbeiros e aqueles que representavam os saberes chancelados pela medicina. Isso porque essa última procurava se impor sobre as práticas populares. Dessa forma, ao longo da história os vários agentes de cura tenderam a disputar a aceitação das comunidades (BOING; STANCIK, 2013, p.85).

Por esse caráter histórico, ao trabalhar com a benzedura, é necessário considerar a prática como um aspecto da memória das comunidades, como parte da identidade dos indivíduos que com ela se relacionam. Segundo Santinello (2011, p.155), a “identidade do indivíduo é construída pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto espaço e tempo em que o sujeito está inserido”. A construção da identidade se relaciona a partir das experiências vivenciadas pelas pessoas e dos grupos em que elas estão inseridas. A identidade permite aos sujeitos se identificarem, uns com os outros, como pertencentes, ou não, a determinados grupos sociais, com necessidades, aspirações e formas de ver o mundo compartilhadas. D’Aléssio (1998, p.274), em sua fala, diz que:

O sujeito que pode se auto reconhecer em lugares familiares que o situem, preserva o seu eu, vale dizer, protege-se da sensação de isolamento, de anonimato, de abandono, construindo seu próprio aconchego. Assim identidade seria, também, abrigo, portanto proteção.

Todos os indivíduos constroem e reconstróem suas identidades com as experiências que vivem. Se aproximando e se afastando de determinados grupos a partir dos valores e escolhas que fazem na vida. As pessoas que benzem têm suas identidades marcadas por pertencerem a um grupo cujo ofício é a medicina popular. Muitos são reconhecidos nas comunidades pela prática que exercem, atraindo pessoas que procuram na reza uma esperança de luta contra as enfermidades: “A ação de benzer e levar a cura aos enfermos vai também ao encontro das questões sociais, dando visibilidade a essas pessoas que, através de seu papel de agentes sociais de sua comunidade, fortalecem sua identidade e ganham legitimidade social” (CUNHA; GONÇALVES, 2016, p.05).

Quem pratica esses atos na comunidade geralmente são pessoas idosas, sendo um conhecimento adquirido e repassado entre gerações através da oralidade. Sendo assim, o saber das/os benzedoras/os é uma tradição oral. Entendo por tradição oral uma fonte de conhecimentos guardados na memória e que são passados de uma geração à outra.

Estando presente tanto nas áreas urbanas, quanto rurais, a prática é encontrada principalmente em locais onde há proximidade entre os integrantes de determinada comunidade, visto que a relação das pessoas que praticam esses ofícios e aqueles que necessitam dele, auxilia na preservação da tradição do benzimento:

A benzedura é uma atividade ainda comum nas zonas rurais ou periféricas das cidades pequenas e médias brasileiras, porque seus praticantes estão próximos daqueles que devem atender, ao mesmo tempo em que, em sua prática, revelam uma sabedoria construída através da tradição oral (GILL, 2010, p.01)

Lorena Gill (2010), afirma que o ofício é bastante procurado mesmo em localidades onde há prontos-socorros e médicos, demonstrando, assim, que a procura por benzedores independe do acesso a medicina oficial, visto que mesmo possuindo esses recursos em seus locais de vivência, as pessoas ainda buscam obter a cura através dos benzedores. Ainda segundo a autora, o benzedor, algumas vezes, é o primeiro ao qual recorrem, pois ele conhece, está próximo e interage com as pessoas a quem dará atendimento. “De outra maneira, pode também ser o último, quando o diagnóstico é muito grave e não há esperanças dentro da medicina oficial” (GILL, 2010, p.03). Sendo de praxe que as pessoas saiam primeiramente em busca dos benzedores assim que descobrirem que estão doentes; mas há casos que os enfermos podem procurar por médicos e, somente após não obterem esperanças na medicina oficial ou em casos graves, buscar os ofícios da benzedura. Importante pontuar aqui que, para fins desse trabalho, utilizo o termo medicina oficial para me referir a prática ensinada nas universidades, tida como ciência, aqueles que a praticam tem formação em medicina. Já por medicina tradicional, entendo aquela que está ligada aos saberes dos povos, as tradições.

Oliveira e Padilha (2011, p. 2881) enfatizam o quão profundo são os debates em torno da temática:

A complexidade deste assunto não está apenas no âmbito da teoria, mas verifica-se na prática também. Diferentemente de muitas pessoas, que procuram ser as mais lógicas possíveis, racionais, desmistificadas de qualquer superstição, as benzedoras configuram-se o paradoxo; pessoas comuns, mas ao mesmo tempo prenes de misticismos, superstições, histórias, causos e uma variedade de simbologias que faz com que sua identidade seja diferente das demais pessoas, isto é, com que sejam identificadas como portadora de “dons”, benzedoras, curandeiras, parteiras, rezadeiras e afins.

Por envolver questões que escapam a racionalidade científica, a história dos benzedores é marcada pela perseguição que sofreram:

As benzedoras, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização que se faz mais presente a partir dos séculos XII e XIII, com as Inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetavam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações. Como sabemos inúmeras delas foram queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em bater de frente com os dogmas da Igreja. (OLIVEIRA e PADILHA, 2011, p. 2878).

É importante destacar que, embora essa pesquisa não proponha um olhar voltado somente as mulheres que benzem, boa parte das pesquisas a respeito do tema tratam especificamente do ritual como algo mais relacionada ao feminino. Esse fato pode ser pensado à luz da questão de gênero. Em sociedades onde predomina o patriarcalismo, como a brasileira, o homem é o progenitor, líder do lar; já a mulher é a cuidadora, cuida da casa, do marido, dos filhos, e, por ter todas essas incumbências, é ela quem lida com a doença de seus familiares. Oliveira (1985 apud. BOING; STANCIK, 2013, p. 89) em sua obra *O que é benzeção*, ao abordar a representação social que geralmente é feita das pessoas que trabalham com a benzedura, permite observar o forte vínculo dos mistérios da cura com a figura da mulher:

Geralmente é a de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedora. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular.

Diversas são as formas de benzer e as concepções de benzedura. Todas estão vinculadas a presença de algo espiritual, um chamado, uma vocação ou um dom.

1.1.1 Concentração e o dom

Segundo aqueles que praticam a benzedura, para ser realizada é necessário que a pessoa esteja concentrada, preparada no momento da ação para colocar seu vínculo com o sobrenatural em ação. Com relação a isso, Almeida (2015, p. 26) relata que:

Há, igualmente, para elas [benzedeiras] uma espécie de aliança tecida entre a benzeira e os espíritos que povoam o mundo invisível, cujo contato e convívio é um privilégio de quem tem o dom. São vínculos, definidos como uma espécie de parentesco simbólico, firmado na dependência de proteção estabelecida entre o guia espiritual e o médium (benzeira/o).

Segundo pontuei, há a argumentação da existência de um elo bem grandioso entre as pessoas que realizam o ato da benzedura e os espíritos invisíveis que rodam o mundo, mas somente quem possui uma dádiva (quem ganha o “presente”) tem o direito do contato e da comunicação com esse outro plano. Nesse sentido, Cunha e Gonçalves (2016, p. 02) afirmam que:

Na tradição das rezas de cura, a palavra presente nas orações (sendo ela vocalizada ou não) representa o pensamento positivo, suas memórias e suas crenças, sendo ela capaz de curar aqueles que porventura estejam fragilizados, mas que, mesmo inconscientemente, acreditam e confiam na eficácia de seus saberes.

Sendo assim, podemos dizer que no momento das orações, ou seja, dos ditos, as palavras são lançadas com uma enorme confiança, pois é através delas e da fé que as pessoas fragilizadas podem se sentir curadas. A fé dos benzedores e dos benzidos é tida como fundamental. As/os benzeiras/os estariam enquadrados em um grupo de pessoas dotadas de um talento especial. Santos (2016, p.29) enfatiza que:

O benzedor ou benzeira é o mediador, pois quem cura é Deus; a pessoa é só instrumento usado por Ele. Recorrer à benzeção significa uma atitude de fé. Assim, estes saberes foram se tornando parte do cotidiano, construindo-se uma maneira para lidar com as dificuldades da vida, buscando soluções para males, diversas vezes, como única alternativa, principalmente no meio rural, era uma forma de se estabelecer estratégias de sobrevivência (SANTOS,2016, p.29).

Sendo assim, a pessoa que benze é apenas aquele que transmite seus ensinamentos, pois quem cura é Deus e a fé, somente quem possui a fé pode obter a cura. Os saberes da benzedura tornaram parte da vida das pessoas, trazendo de modo significativo a confiança de poder solucionar os problemas que estavam surgindo, principalmente nas áreas geográficas em que não haviam hospitais, nas quais a única esperança de solução das enfermidades era a procura pela benzedura. Silva (s.d., p.07) diz que “a procura pelas benzeiras, portanto, se dá pela expressão do sagrado, que é representado pelo saber popular conduzido por um poder, que por sua vez, se materializa na cura”. Desse modo, Cunha e Gonçalves (s.d.) enfatizam que:

Por ser uma manifestação de cunho religioso e por tentar solucionar as mazelas do dia a dia da comunidade (tais como quebranto, cobreiro, dor de cabeça, mau

olhado etc.), a benzeção caracteriza-se também como uma prática social, na medida em que ela passa a ser uma alternativa, um meio de obter-se a cura, ressignificando as doenças do cotidiano. (CUNHA & GONÇALVES, S/D, p.05).

As ações das bênçãos ocorrem no dia-a-dia, sobretudo quando a pessoa se conecta com o mundo invisível e o espiritual, pois coexistindo mantem ligações com a graça divina, por meio dos ritos, pois somente as pessoas que realizam os atos possuem os conhecimentos necessários à prática. Referindo-se a questão do dom, Almeida (2015, p. 111) salienta:

A obtenção do dom, o fato de perceber-se como uma escolhida e assumir essa conduta, de intermediadora entre o divino e o terreno, as coloca [as benzedoras] na posição de ter a obrigação de doarem-se, sem trocas materiais, mas o retorno em forma de reconhecimento e prestígio, faz-se presente na lógica do benzer, como o mínimo esperado nesse círculo.

Quando a pessoa é escolhida para desenvolver o dom – geralmente por alguém que já o possui, ou respondendo a um “chamado sobrenatural” -, ela tem a responsabilidade de evocar a relação com o supremo. Parte-se do princípio que se colocar à disposição do divino é algo muito forte, arrebatador, exige uma doação completa, pois quem adquirir esse poder, essa capacidade, tem uma influência, uma autoridade, diante do outro indivíduo que está sendo benzido. Tendo, portanto, uma responsabilidade a zelar.

Compreender esses debates envolvendo a temática da benzedura, no contexto da cidade de Maurilândia-TO, é o foco deste trabalho. Para tal, com a finalidade de uma melhor compreensão do recorte geográfico da pesquisa, a seguir trago o contexto histórico e principais características do município. A variedade de práticas de benzedura viabiliza diversas pesquisas. Nesse trabalho me dedico ao estudo das práticas de cura popular na comunidade Vale Verde, pertencente ao município de Maurilândia-TO.

1.2 A CIDADE DE MAURILÂNDIA DO TOCANTINS - TO

A cidade de Maurilândia do Tocantins localiza-se no estado do Tocantins, na microrregião conhecida como Bico do Papagaio. Distante cerca de 575 km da capital do Tocantins, Palmas, se localiza na latitude de 05°57'11”S e a longitude 47°30'23”O, a 1.69m acima do nível do mar. A sobrevivência do município se dá, principalmente, pela sua relação com o rio Tocantins, que banha a cidade. Seja pela pesca ou pelo o turismo durante o veraneio - entre os meses de junho e julho - na praia denominada Praia do Pombal. No

período da praia, os barqueiros constroem as barracas para vender as comidas e bebidas próprias do verão. O prato mais típico é o peixe assado e frito, apreciado por todos da cidade e pelos os turistas. Nesses dois meses, as pessoas que moram em outras cidades vêm visitar seus familiares e curtir as atrações turísticas promovidas pela cidade. Além da relação direta com o Rio Tocantins, há também a criação de gado e aves, e a prática da agricultura, com o plantio da mandioca para a produção da farinha, outra principal fonte de renda do município. O município é popularmente conhecido como *Cidade da Farinha de Mandioca*.



Imagem 1 Mapa do estado do Tocantins, indicando o município de Maurilândia-TO. Fonte: SEPLAN/DPIE, 2012.

De acordo com Izabel Nascimento dos Santos (2011), em seu livro *Maurilândia-TO*, com o advento da rodovia Belém-Brasília, a desativação do comércio fluvial e as enchentes do Rio Tocantins - principalmente a ocorrida em 1980, deixando muitos moradores desabrigados - surgiu a necessidade de transferir os habitantes do Povoado Barreiras, pertencente ao município de Tocantinópolis-TO para outro local, mais seguro e com mais possibilidades de progresso.

Em 1969, com a construção da Rodovia TO 126, que liga a cidade de Tocantinópolis a de Itaguatins, na ponte Bom Jardim - a 22 km da cidade de Itaguatins e a 48 km de Tocantinópolis-, começou a se formar um povoado que, posteriormente, se

transformaria na atual cidade de Maurilândia. Um fator importante para o desenvolvimento populacional de Maurilândia foi a demarcação do território da reserva indígena *Apinajé*, em 1984. Com a demarcação, muitas famílias que viviam em áreas indígenas precisaram sair daquela localidade buscando outro local para morar. Boa parte delas migrou para Maurilândia.

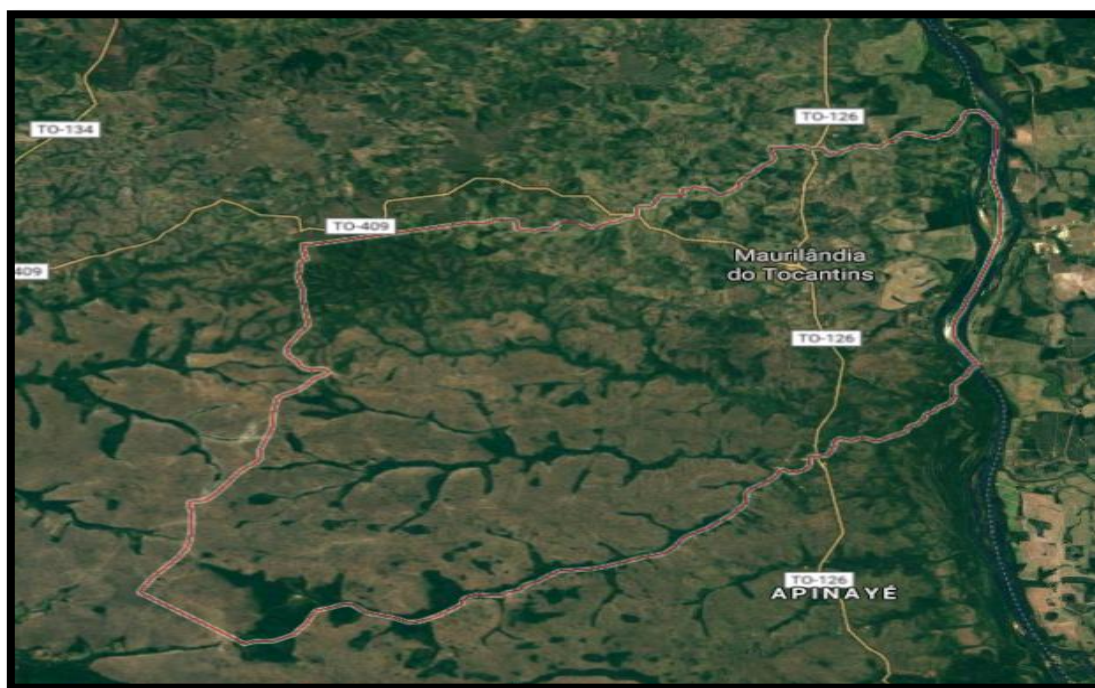


Imagem 2 Vista da Localização da cidade de Maurilândia-TO.

Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Maurilândia+do+Tocantins+-+TO,+77918-000/@-6.021029,-47.8780527,80038m/data=!3m1!1e>>. Acesso em: 05/10/2018.

O nome Maurilândia do Tocantins, ideia então prefeito de Tocantinópolis, José de Ribamar Marinho, foi escolhido para homenagear Maurilio Alves Bandeira, um dos primeiros moradores da cidade e ex-vereador, por dois mandatos. O complemento Tocantins foi adotado para diferenciar de Maurilândia, cidade do estado de Goiás, já existente na data de criação do município (NASCIMENTO, 2011).

Conforme dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população era de 3.154 pessoas. Atualmente, o Instituto estima cerca de 3.403 pessoas. A cidade é de pequeno porte. Embora o município tenha potencial para crescer, devido à falta de emprego, muitos jovens deixaram/deixam suas famílias e migram para outras cidades em busca de melhorias de vida (IBGE, 2018). Na cidade possui dois postos de saúde, sendo um destinados as pessoas da zona rural e o outro as pessoas da zona urbana. Nos postos tem médicos, enfermeiras, dentista,

psicóloga, nutricionista, fisioterapeuta e agentes comunitários de saúde - esses fazem visitas domiciliares todos os meses na cidade, incluindo as comunidades rurais.

Esse atendimento na comunidade de Maurilândia-TO é fornecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com a constituição de 1988, art. 196. “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 2003, p.37). É importante abordar a presença de mecanismos da medicina oficial na cidade, visto que, permite perceber a coexistência entre a medicina tradicional/alternativa e a oficial, realizada por profissionais formados na área da saúde.

Na cidade de Maurilândia do Tocantins há um povoado denominado Vale Verde, localizado a 12 km do centro do município, as margens da TO-126, no sentido da cidade de Maurilândia a de Itaguatins-TO. A comunidade é bastante familiar, muitas pessoas residem no local, aproximadamente umas 25 famílias. Em linhas gerais, os homens trabalham na roça, cultivando e plantando e as mulheres cuidam dos afazeres da casa, dos filhos (as que ainda tem filhos pequenos), e das hortaliças plantadas por elas. Há, ainda, pequenos agricultores de gado.

Para este trabalho, trago os relatos de quatro benzedeadas e benzedeiros de Maurilândia do Tocantins, em especial do povoado Vale Verde, que participaram da pesquisa, através de depoimento oral, instruído pela metodologia de história oral temática.

CAPÍTULO II A HISTÓRIA ORAL DAS/OS BENZEDEIRAS/OS NA CIDADE DE MAURILÂNDIA-TO

Neste presente capítulo abordo o aporte metodológico que me orientou durante a pesquisa - a metodologia qualitativa em história oral –, os caminhos que percorri para a coleta de dados e apresento os entrevistados da pesquisa. Nesta pesquisa, realizo uma abordagem qualitativa de coleta e interpretação das fontes. Minayo (2001, p.06) pontua que a metodologia qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2011, p. 06).

Todavia, a metodologia qualitativa se preocupa em trabalhar com os sentidos, os fazeres e saberes dos indivíduos. Para tal, o pesquisador deve se relacionar com o local da pesquisa, buscando compreender como se dão as vivências e relações em determinados grupos. Prodanov e Freitas (2013) dizem que:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.71).

Sendo assim, na pesquisa qualitativa o pesquisador deve ter um diálogo direto com o ambiente que se desenvolve a pesquisa, buscando coletar os dados, não interferindo ou alterando os dados recolhido em campo.

2.1 O ESTUDO DAS NARRATIVAS ORAIS A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL

Toda pesquisa qualitativa em história oral necessita provocar um diálogo entre pesquisador e entrevistado, procurando uma interação entre os dois para que o conhecimento seja registrado e, posteriormente, analisado. É necessário um contato direto com as fontes, com os entrevistados. Cipriano (2017, apud Alberti, 2000, p. 2-3) destaca que:

A consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado. [...] A ênfase na biografia, na trajetória do indivíduo, na experiência concreta, faz sentido porque a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo.

O método que trabalha com a História Oral é uma metodologia muito usada para escrever as histórias, fazendo parte de um campo de estudos determinado *História do Tempo Presente*, que possibilita a construção de narrativas dos fatos passados, a partir do olhar dos indivíduos hoje (FERREIRA, 2002).

É importante estudar a narrativa oral pois ela consiste na ideia de que a história pode ser contada por todas as pessoas, não necessitando de documentos tido como oficiais, conforme acontecia no estudo da História, antes do desenvolvimento da *Escola dos Annales* ou *Nova História*, na primeira metade do século XX (BURKE, 1992). A partir de então, novos tipos de suporte de informação passaram a ser considerados documentos, marcas da história, e começaram a ser objeto de pesquisa dos historiadores - roupas, cartas, objetos, relatos orais, entre outros viabilizando o desenvolvimento da História Oral e ampliando os conhecimentos sobre a História.

A História Oral possibilita a construção de diferentes narrativas dos acontecimentos, ao utilizar como instrumento a entrevista gravada ou filmada no tempo presente. Silveira (2007) destaca que as narrativas orais produzidas pelo método, são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade, na medida em que, ao relembrar acontecimentos, o entrevistado mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, como suas memórias se constroem e se relacionam: “a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram” (ALBERTI, 1996, p.9).

Sendo assim, a história oral é riquíssima, pois possibilita o pesquisador a entender e conhecer os relatos do passado e o presente dos sujeitos entrevistados, sendo um instrumento importante não só para os historiadores, mas para as demais áreas do conhecimento:

A história oral também é compreendida como um procedimento metodológico interdisciplinar, ou seja, como um caminho para a construção de conhecimento, que abarca tanto uma dimensão teórico-política quanto uma dimensão técnica, tem tido uma expansão significativa, no Brasil, nas últimas décadas (GUIRALDELLI, 2013, p.01).

A História Oral é uma forma de construção do conhecimento que tem se tornado um procedimento expressivo no Brasil. Na perspectiva de Silveira (2007, p.41):

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do (s) objeto (s) em pesquisa. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

Julgo importante, como pesquisadora, ver com bastante atenção as histórias contadas pelas pessoas, pois trabalhar com memórias é muito importante e, ao mesmo tempo, requer bastante cuidado, porque são a partir delas que surgem os relatos de experiências vivenciadas durante toda sua trajetória de vida.

2.2 A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR A MEMÓRIA

Trabalhar a memória é trabalhar com a lembrança. A lembrança é uma construção feita do presente a partir das vivências e conhecimentos do acontecido e da interpretação que os indivíduos fazem desses fatos, ao longo de sua trajetória.

Ao falar das memórias, Valentini (2014, p.06) diz que:

A memória precisa ser pensada; não como um apelo ao passado, simplesmente, mas como uma rede de relações que vão se estabelecer à luz do que possa ser lembrado. Na instância das lembranças, é possível produzir novos significados, proporcionando aos indivíduos a certeza de se reconhecer como sujeitos de sua própria história.

É preciso dar visibilidade as acontecimentos, fazer com que a sociedade possa conhecer os relatos do seu passado. Cada ser constrói seus relatos de acordo com vários fatores subjetivos, como, por exemplo, suas experiências, seu conhecimento de vida, a cultura que vive, as pessoas que convive, as memórias que “escolhe” esquecer e aquelas que decide enfatizar.

Nós construímos memórias, memórias individuais e memórias coletivas, e, em busca de compreender quem somos, temos necessidades de visitar o passado, porque hoje é o presente que amanhã se tornará nosso passado, e é esse passado que é a nossa memória:

O conhecimento acerca da cultura local enaltece a história de cada um. Mas é preciso dar visibilidade a essa cultura: fazer com que a população possa perceber que os conceitos de passado, memória, cultura, e outros, são constituidores do tempo presente. Com isso, os recortes de pensamento acerca da memória local farão sentido aos indivíduos que habitam os espaços, revelando-se que passado e presente estão em uma mesma esfera, conjugados com o pensar, sentir e agir dos sujeitos (VALENTINI, 2014 p.4).

Como salienta Valentini (2014), é muito importante dar visibilidade às diferentes experiências de vida e culturas, pois a recordação viabiliza a compreensão dos fatos do passado, através dos relatos de memória das pessoas:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudadas por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender este mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (PINSKY, 2008, p. 167).

Para Halbwachs (2006, apud RIOS, 2013) afirmar que a memória tem um caráter coletivo equivale a dizer que o indivíduo só é capaz de recordar na medida em que pertence a algum grupo social – ou seja, a memória coletiva é sempre uma memória de grupo. Desse modo o autor quer dizer que o indivíduo se estiver isolado não constrói memórias, a lembrança é construída a partir de um diálogo entre as memórias individuais e as memórias coletivas dos grupos aos quais as pessoas pertencem.

De tal modo para Halbwachs, (2006, apud RIOS, 2013) a memória pode ser entendida como uma reconstrução do passado realizada com o auxílio de dados do presente. Isso acontece através de um processo de escolha, pois é impossível registrar tudo o que ocorreu num determinado momento, não só no plano individual, mas também no plano coletivo. Assim, as visões construídas sobre o passado revelam mais sobre o momento presente do que sobre o passado que se pretende restaurar. Rios (2013) enfatiza que:

A memória é, portanto, um tipo de relação que se estabelece entre o presente e o passado. Simbolicamente, ela é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo uma imagem bem-acabada sobre determinado momento de nossas vidas, permitindo que ele seja revivido de algum modo por nós. O tempo, no entanto, consiste também numa construção social. O modo como o percebemos é marcado por padrões e convenções coletivas que organizam a experiência dos indivíduos. Embora tenha uma dimensão subjetiva, a padronização do tempo é fundamental para a sincronização das ações individuais, permitindo o desenvolvimento da vida social (RIOS, 2013, p.06).

Falar sobre a memória é pensar sobre os fatos acontecidos a partir do presente, sendo que o tempo é o principal fator dessas lembranças virarem nas memórias. A memória pode ser silenciada por algum motivo e, todavia, o silêncio também pode ser uma maneira de dominar o que é repassado. Conforme salienta Michel Pollack (1989, p.03), há “a sobrevivência [de memórias] durante dezenas de anos, de lembranças traumatizantes, lembranças que esperam o momento propício para serem expressas”. As lembranças podem aparecer de maneira traumatizantes, mas permanecem ali existindo, trazendo uma resistência. Pelo fato de a memória estar sempre em elaboração, quando as histórias são contadas a alguém mais de uma vez, é natural que apareçam contradições. Isso se dá pelo fato de que ela é conduzida a partir das experiências dos indivíduos naquele momento específico, variando de acordo como esse está naquele instante em que a memória está sendo construída.

2.3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Após o levantamento bibliográfico e, seguindo as etapas de pesquisa relativas a metodologia de história oral, elaborei um questionário para me orientar na coleta de dados durante o encontro com os entrevistados. O questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem elaborados. Sendo assim, o pesquisador tem que ter conhecimento, ou seja, ele tem que conhecer bem do que vai está falando para ter condições de fazer um questionário eficiente, que contribua para a coleta de informações. Além disso, é importante que as perguntas não direcionem a resposta dos depoentes e que o entrevistador procure se colocar na postura de ouvinte, não transformando a entrevista em debate: “O processo de elaboração [do questionário] é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.202 e 203).

Durante a montagem do questionário tive o máximo de atenção em escolher as perguntas que iria utilizar, pois é a parte mais significativa, é a partir dele que os dados da minha pesquisa são produzidos. Como o foco do meu questionário é quem são os entrevistados e suas experiências relacionadas a benzedura, elaborei um questionário temático com 80 questões, abordando o trabalho que as benzedadeiras (os) fazem, como

elas/es aprenderam os rituais de cura, a relação deles com a medicina oficial e indagações sobre a comunidade e relações de gênero.

Paralelo a construção do questionário, procurei elaborar uma lista de possíveis entrevistados para a pesquisa, pensando em pessoas que pudessem contribuir de maneira efetiva através de suas memórias. Todas as entrevistas realizadas foram gravadas com um celular *Samsung Galaxy J2 Prime*, utilizando somente o gravador de áudio do celular para captar a voz das pessoas que, posteriormente, foram transcritas para facilitar a análise dos dados, seguindo as orientações metodológicas para tal. As entrevistas foram muito importantes, me proporcionaram ter um diálogo riquíssimo com as pessoas. Durante a pesquisa vivenciei boas experiências, como a segurança quando o entrevistado se sente à vontade com o entrevistador, há um interesse maior em contribuir, que viabiliza um momento de aprendizado único.

A metodologia de história oral me ajudou abundantemente nesse percurso como pesquisadora, me proporcionou um melhor entrosamento entre leituras de artigos e livros e a coleta dos dados. Ela é a base do trabalho, uma vez que foi por meio dela que consegui chegar as outras demais fases desta minha pesquisa, através dela que obtive um profundo reconhecimento sobre as histórias de vida dos benzedores e benzedoras do Povoado Vale-Verde, da cidade de Maurilândia-TO.

2.3.1 Percursos geográficos

De início, iria realizar minha pesquisa somente na zona urbana da cidade de Maurilândia-TO, mas, como encontrei dificuldades no caminho desta pesquisa, precisei ampliar o local da pesquisa incluindo o Povoado Vale Verde. Diante das indagações, algumas pessoas procuradas não aceitaram contribuir com a pesquisa, acharam que não seriam capazes de responder aos questionários propostos, acredito que por vergonha de falar ou por não terem interesse em partilhar suas experiências.

Chegando em Maurilândia-TO para realizar a pesquisa de campo, no mês de setembro de 2018, cheguei a casa de um provável entrevistado, residente no bairro João Moraes. Expliquei para o mesmo o motivo de eu estar em sua casa, perguntei se o mesmo aceitaria ser um dos meus entrevistados da pesquisa. O mesmo respondeu que não aceitaria, pois não gostava de falar. No momento eu falei que tudo bem, eu não iria obrigá-lo, mais perguntei se ele podia me indicar outras pessoas que sabiam praticar a benzedura e que poderiam se interessar em participar da pesquisa. O mesmo relatou que sabia de

outras pessoas no Povoado Vale Verde e que na minha própria família tinha pessoas que praticavam a benzedura.

Como já conheço as pessoas que moram no Povoado Vale Verde, e por ter uma boa convivência com as pessoas da comunidade devido ter morado lá a bastante tempo, e meus pais viverem no local, fui atrás das pessoas que eu conhecia que praticavam a benzedura. Como o povoado é dentro do município de Maurilândia-TO, eu pensei que poderia mudar do meio urbano para o rural e entrevistar as pessoas desse povoado.

Lembrei de um senhor que é tem muito conhecimento sobre a benzedura e me interessei em saber mais sobre seus fazeres. Ele é muito sozinho, não tem família, e gosta muito de rezar nas pessoas, ajudar os outros é algo que ele faz com todo amor e carinho. Devido ao fato de o mesmo ser uma pessoa muito carente, solitário, e humilde, o mesmo apesar enfrentar todas as dificuldades da vida, transparece ser muito alegre e gentil com os outros ao seu redor. A partir desse, os demais entrevistados foram surgindo no caminho desta jornada de pesquisa de campo.

Do centro de Maurilândia do Tocantins, percorri 12 km. de moto até chegar no povoado Vale Verde, a procura das pessoas que seriam entrevistadas. Chegando lá me apresentei como pesquisadora da UFT e relatei o motivo que me levou as suas residências. Ao perguntar se eles aceitariam ser meus entrevistados, vi reações diferentes da que obtive com a primeira pessoa que procurei. Eles gostaram da ideia de ser meus entrevistados, falaram que nunca ninguém tinha se interessado por saber que eles praticavam a benzedura. Portanto, consegui realizar as entrevistas no Povoado Vale Verde, município de Maurilândia-TO. Senti que para aqueles que aceitaram foi uma alegria imensa em participar, mesmo demonstrando dificuldades ao responderem o questionário. Eu enquanto pesquisadora me senti muito honrada em saber que gostaram que eu mostrasse seus conhecimentos para outras pessoas.

2.3.2 Os/ as depoentes e a coleta do depoimento

Nesta parte, descrevo como se deu a coleta de dados da pesquisa e tempo apresento em linhas gerais a sequência do contato com cada um dos entrevistados. A primeira pessoa entrevistada foi o Sr. Cícero, a segunda foi o Sr. Antônio, a terceira foi a Sr. Ana Luzia, e, a última a Sr. Marinalva. Foram entrevistadas quatro pessoas, sendo duas mulheres e dois homens, sendo duas pessoas com a idade abaixo de 50 anos e duas com mais de 50 anos.

As visitas se deram nas residências dos entrevistados, sempre durante o dia. Destaco que durante a pesquisa, todas as pessoas que foram entrevistadas estavam cientes de que estavam sendo gravadas e assinaram uma carta de cessão dos direitos de uso de entrevistas, imagens e me autorizaram a utilizar suas identidades no trabalho, não os coloco no trabalho para preservar os dados pessoais das entrevistadas (os).

A seguir pontuo alguns aspectos de cada uma das pessoas entrevistadas.

2.3.2.1 Cícero Costa de Oliveira

Cícero Costa de Oliveira nasceu em 07 de novembro de 1950, na cidade de Itaguatins, estado do Tocantins, e cresceu no povoado Lago, na mesma cidade. Atualmente está passando uns tempos no povoado Vale Verde, no município de Maurilândia-TO, na casa de um sobrinho.

Embora tenha 68 anos de idade e passe a maioria do seu tempo sozinho, ainda pratica a benzedura. A sua principal atividade dentro da benção é a reza de “tirar sol”. Cícero de Oliveira é aposentado, não possui filhos e nunca foi casado, segundo ele, sempre se virou sozinho durante toda sua vida, desde de quando sua mãe faleceu.

No momento da visita à residência onde se encontrava Cicero, o próprio estava dormindo, como o mesmo já me conhece apresentei-me como pesquisadora da pesquisa, o mesmo ressaltou que era um pouco ruim para ele falar, devido ao fato de ter problema de voz, mais que aceitaria ser entrevistado por mim, até porque ninguém nunca tinha se interessado em saber o que ele sabe sobre as benzeduras. Falou que seria uma honra e alegria poder compartilhar o seu relato na pesquisa. Cicero Costa de Oliveira, é um senhor muito inteligente, já presenciei as benzeduras dele, sendo inclusive benzida por ele, em momento anterior a esta pesquisa. Ele demonstra amor durante sua benzedura, sabe de muitas rezas, cânticos de igreja, ele detém muitos conhecimentos quando se trata de benzeduras.



Imagem 3 Foto de Cícero Costa de Oliveira. Fonte: Acervo da autora.

2.3.2.2 Antônio Alves de Souza

Antônio Alves de Souza nasceu em 28 de dezembro de 1936, no Povoado Jacuba, no município de Itaguatins-TO. Viveu no mesmo local durante muitos anos de sua vida. Atualmente reside no Povoado Vale Verde, no município de Maurilândia-TO, onde é sua residência fixa.

Antônio Alves é casado com Antônia Carneiro de Souza. Os dois tem dez filhos, todos casados, e vivem sozinhos desde que seus filhos construíram suas famílias e saíram de casa. Sua profissão é lavrador/aposentado e benzedor. Ele atua com a bênção nas roças, com os insetos, ou seja, a reza dele serve para que os insetos não acabem com os legumes das chácaras. Antônio é muito esforçado e inteligente, sabe de tantas coisas relacionado a benzedura, tantas orações. Devido a sua idade e os problemas de saúde que os possui, tem estado menos ligado as leituras que costumava fazer diariamente, nas horas vagas.



Imagem 4 Foto de Antônio Alves de Souza. Fonte: Acervo da Autora

2.3.2.3 Ana Luzia Carneiro de Souza

Ana Luzia Carneiro de Souza nasceu em 06 de maio de 1973, na cidade de Tocantinópolis, estado do Tocantins, mas cresceu no povoado Vale Verde, município de Maurilândia-TO. Atualmente reside entre dois lugares: o povoado Vale Verde, onde tem uma chácara, e a zona urbana da cidade de Maurilândia, na residência de sua comadre.

Ana Luzia foi casada durante muitos anos, mais, infelizmente, em 2015 seu esposo faleceu, vítima de pedra na vesícula, durante a cirurgia não resistiu e chegou ao óbito. Os dois tiveram cinco filhos, mas um faleceu quando tinha poucos dias de vida. Os demais cresceram e seguiram seus caminhos deixando ela sozinha. Por estar sozinha ela intercala os períodos que fica no povoado e os que fica na cidade, em companhia da sua comadre. Ela é benzedeira, sendo a reza do “quebranto” seu principal afazer dentro da benção. Devido ao fato de Ana Luzia não gostar de tirar fotos, não trago registros visuais dela.

2.3.2.4 Marinalva Alves de Sousa

Marinalva Alves de Sousa nasceu em 09 de novembro de 1970, na cidade de Tocantinópolis-TO, no entanto foi criada na Botica, local que fica localizado dentro do

território indígena, próximo a cidade de Maurilândia-TO. Durante muitos anos de sua vida viveu na Botica, até a desapropriação e o reconhecimento do território indígena *Apinayé*, quando seus pais tiveram que procurar outro local para morar. Atualmente reside no povoado Vale Verde, no município de Maurilândia-TO.

Marinalva Alves de Sousa é casada com José Carneiro de Sousa, possui dois filhos, sendo um de 25 anos e outro de 24 anos. Sua profissão é lavradora e mora somente com seu esposo. Segundo ela, diante de todas as dificuldades encontradas na vida, ela pratica a benzedura na comunidade e usa da benção para rezar as pessoas de “arca-caída”.



Imagem 5 Foto de Marinalva Alves de Sousa. Fonte: Acervo da Autora

Acima busquei apresentar quem são as/os depoentes deste estudo. Ressalto em linhas gerais que os depoentes da pesquisa não possuem nenhuma formação específica e nenhum registro no conselho de medicina. No próximo capítulo abordo das falas das/os entrevistadas/os, fazendo uma análise dos seus relatos, de acordo com os tópicos elencados como importantes para esta pesquisa.

CAPITULO 3 AS EXPERIÊNCIAS DE CURA NO POVOADO VALE VERDE

Neste capítulo venho mostrar os relatos dos entrevistados do Povoado Vale Verde, procurando delimitar e discutir diversos pontos a fim de mostrar o aprendizado, a transmissão e o olhar das/os benzedoras/os dessa comunidade em relação ao que fazem, buscando dar visibilidade as suas as experiências e fazeres com a benzedura.

Nesse estudo trago os relatos homens e mulheres que concretizam essa prática, que ajudam as pessoas, sem distinção de gênero ou etnia. Na sequência, faço uma análise das falas dos entrevistados da minha pesquisa, buscando as relacionar com aspectos mais gerais relacionados a esse campo de estudo.

3.1 O APRENDIZADO DA BENZEDURA

O aprendizado da benzedura na maioria dos casos se dá pelo interesse de determinada pessoa em querer saber as rezas para ajudar outras pessoas, e também pela herança familiar, pelo saber passado de geração em geração, como já citado no capítulo 1. O dom e a vocação se fazem presente na vida daqueles se interessam por essa prática. O início do aprendizado da benzeção, para a maioria das pessoas, dá-se por um repasse dos familiares, deixando para os mais novos, como uma herança, o saber.

De acordo com o questionário aplicado aos depoentes da minha pesquisa, quando indago em relação aos seus aprendizados e sobre quem os teria ensinado, eles responderam:

Cícero: Foi a Ana Luzia, a Luziana e o Raimundo da Doracy que me ensinaram, eu não sabia não (OLIVEIRA, 2018, s.p).

Antônio: Minha vó (SOUZA, A., 2018, s.p).

Ana Luzia: A tia Cunham (SOUZA, A.L., 2018, s.p).

Marinalva: A Domingas que me ensinou (SOUZA, 2018, s.p).

Os aprendizados dos depoentes foram adquiridos junto aos seus familiares, sendo possível perceber que, no caso estudado, há ainda uma grande preocupação, por parte dos mais velhos, em ensinar aos familiares a prática da benzedura, fazendo com que esse

ritual seja passado de geração em geração. Com relação a transmissão desse saber, Cunha (2018, p. 35) salienta que:

Faz parte da cultura popular o repasse de seus saberes no intuito de perpetuar suas memórias, mantendo vivo o que é essencial para a identidade de um povo. Assim, o repasse das práticas de rezas, tal como a iniciação de uma benzedeira, se dá oralmente através de pessoas intimamente ligadas a ela.

É nesse sentido que os familiares ensinam seus entes mais novos a prática da benzedura, pensando na geração futura, mantendo a cultura sempre viva nas famílias. Nas tradições das rezas, a transmissão do aprendizado a outras pessoas é bem eficaz, principalmente nas famílias, na maioria das vezes as benzedeiros querem repassar seus conhecimentos a alguém da família. Moura (2011, p.16) diz que:

A transmissão feita por laços de parentesco é a mais comum. O dom é passado para algum membro da família (consanguíneo ou não) que apresente as características necessárias para a prática do ritual, como interesse, respeito e convivência com aquele que benze. Dessa maneira, a pessoa escolhida traz em si o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras.

Sendo assim, as pessoas que sejam mais próximas daqueles que sabem a benzedura, existindo o interesse por parte delas, são aqueles que irão receber, herdar, o dom. No momento das entrevistas, quando faço a pergunta, “*Você já ensinou alguém a benzer?*”, eles responderam da seguinte forma:

Cícero: Não, porque criticam a gente, não quero ensinar ninguém também (OLIVEIRA, 2018, s.p.).

Antônio: Já ensinei vários (SOUZA, A., 2018, s.p.).

Ana Luzia: Sim, as meninas da comadre Joana, porque elas moram longe e as vezes precisam e não tem gente por perto (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Sim, minha filha (SOUZA, 2018, s.p.).

Observo a partir das respostas, que a maioria dos entrevistados ensinam aos familiares a prática da benzedura, o importante é que esses ensinamentos são repassados com o intuito de ser de geração em geração, pois como a benzedura é algo que se encontra em extinção, pensam no futuro em deixar algo de bom para aqueles que querem aprender as tais práticas. Santos (2016, p. 43) destaca que que:

A benzeção é uma herança de valores e medicina popular, que se caracteriza como prática de cura ligada ao misticismo e religiosidade. É uma prática cultural, que atravessou os séculos e está presente no nosso cotidiano;

normalmente, são pessoas da camada popular, mas não restrita a ela, porque a cultura não é limitada somente a uma determinada classe social.

Como cita o autor acima, a benzedura é um legado de muita importância na cura do dia-a-dia. É uma prática que vem existindo desde muitos anos, e até hoje ainda encontramos pessoas que dedicam seu tempo a esse afazer, que se preocupam em deixar essa prática de herança a algum familiar.

A seguir, quando fiz aos entrevistados sobre a seguinte questão: *Você gostaria de ensinar alguém a benzer?* O resultado foi dado da seguinte maneira:

Cícero: Não quero ensinar ninguém (OLIVEIRA, 2018, s.p).

Antônio: Algumas coisas que eu me lembro sim, aquilo a gente esquece das rezas, passa tempo, olha agora depois de eu velho quase ninguém me procura assim porque não andam dando, de primeiro para onde eu andava tinha um com um problema e eu rezava (SOUZA, A., 2018, s.p).

Ana Luzia: Gostaria sim, por que as vezes eu não estou na hora e a outra sabe (SOUZA A.L., 2018, s.p).

Marinalva: Sim, porque eu queria que passasse de geração em geração era melhor (SOUZA, 2018, s.p).

Ao analisar as falas acima, percebo que os benzedores e benzedoras da comunidade de Maurilândia-TO desejam repassar seus conhecimentos a outras pessoas. Uns porque querem que o saber seja passado de geração em geração, se mantendo na família, outros por que esperam que alguém ajude a comunidade com a benzedura, em sua ausência. Compreendo que é importante esse movimento de querer ensinar outras pessoas, pois vejo a possibilidade de que outros indivíduos futuramente ainda exerçam a prática da benzedura, mantendo essa tradição viva.

Na sequência, ainda buscando informações sobre as formas de aprendizado, indagado sobre como surgiu o interesse deles em aprender a benzedura, as respostas foram as seguintes:

Cícero: Eu vim aprender porque, assim o pessoal diz que eu não aprendi a ler porque não quis, mais não foi por causa disso não, eu tive uma doença na cabeça que não cheguei a conhecer as letras não, fiquei sendo chamado de bobão, aí sai da escola porque não aprendia nada (OLIVEIRA, 2018, s.p).

Antonio: Minha vó dava aula de rezinha assim para nós, toda boca da noite e dizia para quê que era (SOUZA, A., 2018, s.p).

Ana Luzia: A tia Cunham estava rezando na mamãe e ela procurou se eu queria aprender a rezar, eu disse quero, aí ela me ensinou (SOUZA, A.L., 2018, s.p).

Marinalva: O interesse surgiu por ajudar as pessoas mesmo, alguma vez algum estava doente e a gente quer ajudar (SOUSA,2018, s.p).

Analisando as respostas acima, percebo que as/os entrevistadas/os tiveram o interesse de aprender as práticas para ajudar outras pessoas, a vocação é muito importante também. Segundo Santos (2016, p. 45): “O interesse por este saber [...] está também relacionado com algumas necessidades básicas, como o cuidado com a saúde da família, dos animais e das plantações”.

3.2 O OLHAR SOBRE A PRÁTICA

Diante a benzedura, o olhar das/os benzedoras/os em relação ao que fazem é muito importante, tem uma grande relevância, pois os saberes são grandes e valiosos. Mesmo sendo criticados por alguns, os atuantes da bênção exercem seus papéis de intermediários entre o terreno e o sobrenatural com muita dedicação.

Prosseguindo as indagações as/aos benzedoras/os da pesquisa, quando direciono a questão: “*Você considera que foi escolhida porque possui um dom ou foi por vocação*”? As/os depoentes responderam do seguinte modo:

Cícero: Uma vocação, e bem forte (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: Era uma vocação, eu gostava de rezar mesmo (SOUZA, A., 2018, s.p.).

Ana Luzia: Uma vocação mesmo, quando precisa eu rezo (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Só uma vocação mesmo (SOUSA,2018, s.p.).

Compreendo, de acordo com os discursos acima, que o aprendizado da benzedura no Povoado Vale Verde se deu através de uma vocação muito forte, é algo muito importante. De acordo com Tersariol (2000, p.644), “vocação significa ato ou efeito de chamar; tendência ou inclinação para um estudo, uma profissão, etc.; escolha (p. ext.) talento”. A vocação é algo que está relacionado a um chamado, mas também, a uma escolha, ou seja, a alguma coisa que se deseja aprender, que se percebe uma facilidade no aprendizado daquele determinado assunto. Oliveira (1983, p.178), quando enfatiza a respeito da vocação, ressalta que ela é o: “Momento inicial que move a benzedora (o)

em busca do conhecimento que lhe possibilite o exercício do seu ofício o despertar para a benção é o chamamento, isto é, quando ela se descobre vocacionada para praticar o bem”.

É possível constatar que o interesse por esse aprendizado vem a partir das necessidades existentes dentro das famílias, a cura das doenças dos parentes é um principal fator que motiva o desejo de querer aprender a benzedura. Deste modo, observo que o aprendizado se dá quando há uma vontade em querer aprender algo, a pessoa ultrapassa barreiras e consegue aprender, pois vê que é algo importante para a sua vida e para a vida daqueles que estão ao seu redor. No entanto, a vontade acompanha uma pré-disposição, a qual geralmente se atribui a palavra *dom*. Com relação ao dom, Cunha (2018, p.31) diz que:

É justamente por considerar a crença na eficácia da benzeção, que muitas benzedoras afirmam que não basta simplesmente conhecer as orações para praticar a benzeção, para se tornar uma benzedora é preciso ter o dom e acreditar no poder dessas práticas e, sobretudo, ser escolhido, atendendo a um chamado, seja ele divino ou familiar.

Diante da referência acima, a autora reflete essa questão, de que para uma pessoa se tornar uma benzedora/o, ela precisa ter uma vocação, ou seja, ter o interesse por aprender e responder a um “chamado”, a um dom de Deus, e necessita desenvolver a fé de que é capaz de dominar essa prática.

Partindo para os relatos das/os entrevistadas/os, quando continuo o assunto, e pergunto: “*Como você explica seu envolvimento com a benzedura?*” As/os depoentes responderam da seguinte maneira:

Cícero: Rapaz agora aí foi assim, sempre eu tenho vontade de aprender, eu gosto de fazer muito favor as pessoas, e hoje em dia é difícil, o pessoal é católico ou crente, eu sempre nunca deixei de benzer, sempre fui envolvido toda vida e nunca entrei na crença, sempre fui católico (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: Eu nem sei explicar isso aí (SOUZA, A., 2018, s.p.).

Ana Luzia: É com fé, e a pessoa que eu estou rezando ter fé também (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Não sei nem explicar (SOUZA,2018, s.p.).

A partir dos depoimentos das pessoas entrevistadas, entendo que a vontade e a fé estão muito presentes na vida das pessoas da comunidade do Povoado Vale Verde, o desejo de ajudar os outros prevalece no aprendizado da benzedura. Destaco aqui que, nas

entrevistas, no momento em que foi realizada essa questão, as pessoas expressaram, de maneira gestual, a explicação de seus envolvimento diante da prática. Percebo que o que fazem é por puro amor e dedicação, sempre procurando socorrer os vizinhos e a comunidade, e que não pretendem deixar de benzer. Contudo, partindo para mas uma indagação, quando menciono sobre a demanda de benzedura das pessoas do povoado Vale Verde, se possuem pessoas jovens trabalhando com a benção, os entrevistados replicaram dessa maneira:

Cícero: Não, só os idosos mesmo (OLIVEIRA, 2018, s.p.).

Antônio: Sempre as pessoas mais de idade que rezam (SOUZA, A. 2018, s.p.).

Ana Luzia: Só os mais velhos, os novos não querem aprender (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Só as mais velhas (SOUZA, 2018, s.p.).

A partir das palavras das/os entrevistadas/os da pesquisa, constatei que a prática da benzedura está ficando cada vez mais em extinção no povoado Vale Verde, pois, embora as/os entrevistadas/os demonstrem disponibilidade para ensinar, as pessoas mais jovens não se interessam por aprender esses rituais. Portanto, daqui uns anos é possível intuir que essas práticas estarão em vias de extinção na comunidade, devido ao fato de que, com o falecimento dos detentores desse saber, e por sua característica de transmissão pela tradição oral, o conhecimento irá embora com elas/as. Esse fator é bem preocupante, pois a benzedura é algo que está presente há muitos anos, faz parte da cultura das comunidades e muitas pessoas creem e procuram esses procedimentos.

3.3 UM OLHAR SOBRE A MEDICINA OFICIAL E A MEDICINA POPULAR/TRADICIONAL

Durante o percurso das entrevistas, para entender melhor a relação entre esses dois tipos de formas de encarar as doenças, a medicina oficial e a medicina popular/tradicional faço aos depoentes a seguinte indagação: *Qual a sua opinião a respeito da medicina científica e da benzedura?* A resposta se deu da seguinte maneira:

Cícero: Eu acho que a benzedura é mais para quando não tem médico (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: É porque o médico estuda para aquilo, e benzer a gente aprende aquela rezinha e fica rezando com aquela fé para aquilo, não é a cura mesmo, mas é a fé que cura (SOUZA, A. 2018, s.p.).

Ana Luzia: A entrevistada não quis se posicionar a respeito da pergunta. (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: É muito bom (SOUSA,2018, s.p.).

A entrevistada Ana Luzia não quis responder essa pergunta, no entanto, em outras perguntas, ela deixa transparecer que vai ao médico quando está doente e que acredita que os médicos reconhecem o trabalho das/os benzedoras/os, demonstrando ver uma relação não conflituosa entre a medicina oficial e a tradicional. A/os demais entrevistadas/os sugerem que a benzedura acontece quando não se há a cura com os médicos, somente com as rezas, ou quando não há acesso aos médicos. Portanto, a benzedura se encontra ainda uma alternativa diante de toda escassez de médicos em alguns locais do nosso País.

Continuando as entrevistas, interroguei as/os depoentes a seguinte pergunta: *Você costuma procurar médicos para cuidar da sua saúde?* Responderam-me da seguinte maneira:

Cícero: Procuo, aqui mesmo já procurei, medico para coração, eu já falo ruim, falei ele disse tanta coisa, disse que meu coração estava grande (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: Costumo, tenho problema de pressão, de coração, eu entrei debaixo de um pau montado no cavalo e o cavalo me imprensou na cela, que afundou as costelas por cima do coração, passou uns tempos inchou os peitos e foi obrigado eu procurar os médicos para saber o que era, para fazer os exames e acusou uma mancha na ponta do coração, mas não é inflamado e não tem pancadaria não, é lento meu coração (SOUZA, A. 2018, s.p.).

Ana Luzia: Sim (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Sim, porque eu sou muito problemática, aí eu procuro sempre (SOUSA,2018, s.p.).

Sendo assim, analiso que os entrevistados utilizam a medicina oficial como meio de cura para os seus problemas de saúde, principalmente por que são problemas perigosos, e necessitam que uns cuidados mais específicos com especialistas da medicina oficial. Medicina é o “conjunto de atividades técnicas e científicas que tem pôr fim a prevenção, a cura e o alívio das doenças; exercício da pratica de curar; profissão do médico; qualquer

medicamento; (fig.) aquilo que remedeia um mal. ” (TERSARIOL, 2000, p.435.) Diante das palavras do autor, destaco que a medicina é composta por procedimentos científicos, da qual o alvo é o cuidado, a cura e o alívio das chagas pertencente as pessoas, porém quem pratica esses serviços são os médicos.

Quanto a medicina tradicional/popular, Oliveira (1983) salienta que:

Medicina popular é uma forma alternativa a medicina erudita, de produzir saúde e buscar soluções as aflições, abarcando um conjunto de técnicas, trabalhos e ferramentas de cura, partindo da cultura popular. [...] é uma das formas de serviços de cura, de fé e de assistência de baixo custo, de fácil acesso e é realizada através dos rituais específicos da benzeção. (OLIVEIRA, 1983, p.26 e 27)

É possível perceber as diferenças entre a medicina oficial e a medicina popular. Na medicina popular, as pessoas que benzem não estudam formalmente para efetuar a benzeção, ou seja, não necessitam passar por uma formação acadêmica, embora, considero que elas passem por um tipo de educação informal, aprendendo e estudando, a partir da oralidade, os ritos que executam, utilizando a fé no momento da prática. Já na medicina oficial, os médicos necessitam passar por uma formação específica e diversas especializações para poder exercer as suas funções.

3.4 OS TIPOS DE REZAS PRATICADAS

As principais benzeduras praticadas pelos entrevistados são: quebranto/e; mau-olhado, espinhela caída (ou arca caída), reza nas roças e dor de cabeça. Ao questionar aos entrevistados quais os tipos de benzedura que eles trabalhavam, as respostas foram as seguintes:

Cícero: Digamos assim, é tirar o sol para quem tem fé, muitas pessoas não têm fé, arca caída, quebrante, engasgo se for preciso, se tiver fé eu rezo (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: Dor na goela, quebrante, espantar bicho nas roças, e até de catarro brabo eu rezava, com a oração de são Sebastião, pegava um cordãozinho e amarrava no pescoço e ia (SOUZA, A., 2018, s.p.).

Ana Luzia: Quebrante (SOUZA, A. L., 2018, s.p.).

Marinalva: Arca-caída (SOUZA,2018, s.p.).

Diante das falas citadas acima, percebo que os entrevistados sabem muitos tipos de benção e que essas são muito importantes para a comunidade, de um modo geral.

Considero, a partir da pesquisa, que as benzeduras mais procuradas e utilizadas no dia-a-dia são o quebranto/mau-olhado, a arca caída, a dor de cabeça/sol e a reza de espantar insetos nas plantações.

Com relação ao conceito de mau-olhado, Cunha (2018, p.95) afirma que “o mau-olhado como o quebranto são lançados pelos olhos de terceiros e os malefícios dessas mazelas trazem muitos prejuízos aos afetados, sendo a benzeção o único meio de cessar esse mal”. Já quebranto é um mal que pega mais em crianças, e, acredita-se que a cura se dá somente através da benzeção. Almeida (2015, p.75) considera que “mau olhado é a desordem mais abrangente, pois pode ter significados variados, causada por: ‘inveja’, ‘ciúme’, ‘trabalho feito’, cansaço, depressão, ansiedade etc., podendo ser diagnosticado também como influência de “maus espíritos”.

Muitos benzedores utilizam, em seus rituais de cura, ramos de matinhos nativos dos quintais, chamados vassourinha. Outros somente o fazem através da reza e da fé.



Imagem 6 Foto do ramo “vassourinha”. Fonte: Acervo da autora.

A imagem 6 mostra um dos instrumentos usados pelos benzedores na cura do quebranto. Um matinho nativo chamado “vassourinha” é muito utilizado no ritual, pois ele faz com que o mau não venha passar para o benzedor, quando o benzedor reza com esse ramo, e a cura é obtida. Caso o matinho fique todo murcho, é sinal que deu certo a benzedura no doente.

Com relação ao significado da enfermidade espinhela-caída, Nery (s/d, p.08) caracteriza que “a espinhela caída, para muitos, ou peito caído, peito aberto, ou ainda,

arca caída, para outros, é causada, segundo a crença popular, pelo peso que a pessoa pega”. A arca caída surge mais quando a pessoa pega muito peso e geralmente começa como uma dor nos peitos e nas costas. Dificilmente esse mau pega em crianças, na maioria das vezes acontece com os adultos devido ao fato de trabalharem pesado. Assim como as enfermidades anteriores, a expectativa é que a cura só chegue através da benzedura.

Partindo para as falas dos entrevistados em relação a seguinte indagação: *Quais são os instrumentos que você utiliza na pratica da benzedura?* Os depoentes responderam da seguinte forma:

Cícero: É um matinho chamado vassourinha (OLIVEIRA,2018, s.p.).

Antônio: Uns é com matinho, um ramo, outros eram com fogo para não passar para mim e da estrela do céu não tinha mato não, era só com a mão fazendo a cruz (SOUZA, A. 2018, s.p.).

Ana Luzia: Só me benzo mesmo, não utilizo outra coisa a mais (SOUZA, A.L., 2018, s.p.).

Marinalva: Somente o pano mesmo (SOUZA,2018, s.p.).

Observo que cada pessoa possui uma forma de realizar a prática da benzedura. Algumas usam instrumentos e outras somente as palavras, a reza. É interessante ressaltar que mesmo com muitas práticas semelhantes, há particularidades nas práticas entre as/os benzedoras/os, não havendo uma padronização imposta.

A seguir apresento o principal instrumento utilizado para a cura da arca caída:



Imagem 7 Foto do pano mais usado na reza da arca caída, antes da efetuação. Fonte: Acervo da autora.



Imagem 8 Foto do pano usado na reza da arca-caída, depois da efetuação. Fonte: Acervo da autora.

Nas imagens 7 e 8 está o material que as/os benzedeiros/os geralmente utilizam na prática da reza da arca-caída. Uma fralda que tenha detalhes em branco, podendo ser mesmo nova ou já usada. Pode ser utilizado, também, qualquer outro tipo de pano que seja branco. Na imagem 7, está a fralda normal mesmo, esse instrumento foi fotografado antes de acontecer o ato da cura. Na imagem 8, a fralda já passou pelo ritual de cura. É possível observar que o benzedor, durante a benzedura, deu um nó na ponta da fralda, esse nó só pode ser desatado minutos ou até mesmo horas depois da ação.



Imagem 9 Instrumentos utilizados na cura da dor de cabeça. Fonte: Acervo próprio da autora.

A imagem 9 mostra os instrumentos utilizados na reza de dor de cabeça “sol” por alguns benzedores, percebemos que na figura tem um litro de vidro transparente e um pano com detalhes branco. Na hora da efetuação do ato, o benzedor precisa colocar água dentro deste litro transparente, e esse pano branco coloca na cabeça do indivíduo juntamente com o litro de água, para que consiga concretizar a cura. Com relação a essa enfermidade, Cunha (2018, p. 98) salienta que:

Também conhecida como sol na cabeça, essa benzeção faz alusão ao sol, considerando o como principal causador das dores de cabeça. Para curar o sol da cabeça, é necessário benzer-se em um dia ensolarado, algumas benzedoras seguem o receita de rezar ao ar livre, debaixo de sol. Outras benzem dentro de casa, porém, em dias ensolarados.

Como enfatiza o autor, a dor de cabeça é causada principalmente pelo excesso de exposição ao sol. Quando a pessoa tem esse problema, a benzedura pode trazer a cura, mas o benzedor reza normalmente quando está ensolarado. Com relação aos horários das práticas de benzedura, constatei que, na maioria das vezes, os horários utilizados são pela parte da manhã e ao final da tarde.

Procurei, a partir das indagações acima investigadas, traçar um panorama sobre como ocorre a prática da benzedura na comunidade Vale Verde. É importante ressaltar que, ao procurar mais pessoas para entrevistar no povoado, não encontrei outras pessoas. Como o povoado é pequeno e todos se conhecem, acredito que os rituais praticados naquela comunidade são pelas/os agentes aqui entrevistados.

Saliento a importância dos rituais de cura enquanto parte da cultura popular, a qual mantém viva por ser readaptada aos contextos históricos. A cultura popular é a maneira mais autêntica de representação de um povo e age também no âmbito individual, construindo a identidade do indivíduo e da comunidade. Apresentei aqui alguns aspectos que nos permitem conhecer um pouco mais desses agentes de cura do povoado Vale Verde, aqueles que detêm conhecimentos específicos e legitimados por essa comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso deste trabalho pude perceber que as práticas de cura da benzedura popular no Povoado Vale Verde estão entrando em escassez, chegando em vias de extinção, devido ao fato de na comunidade só existir pessoas mais velhas praticando a benção e as novas não terem interesse em aprender a técnica. Esse é um fator diagnosticado que se torna preocupante, pois é uma prática bastante utilizada na comunidade, principalmente a arca-caída, o sol e o quebrante. No entanto, se continuar como está hoje em dia, é um conhecimento que vai se findar. Esta pesquisa realiza um alerta nesse sentido.

O objetivo principal deste trabalho foi conhecer as histórias das benzedeadas e dos benzedores valorizando seus saberes e fazeres, dando visibilidade a cultura popular de cura existente na comunidade. O fato de não ter concretizado minha ideia inicial, de entrevistar as pessoas da zona urbana, foi muito interessante, pois se estivesse dado tudo certo para realizar as entrevistas com pessoas da cidade de Maurilândia-TO, não teria conhecido a história das/os benzedeadas/os do povoado em que morrei durante muitos anos de minha vida. Não teria constatado que dentro da minha própria família existe pessoas que praticam a benzedura, as quais, até então, não tinha percebido a importância de suas práticas. Como filha e neta de uns dos benzedores, percebo que sou de uma família de tradições e costumes que ainda existe nos dias atuais. Pessoas simples e batalhadoras da roça, mães que cuidam da casa e de seus filhos e ainda ajudam as pessoas com os seus métodos da cura. Assim o fazem pelo desejo de poder ajudar os outros. Mesmo diante de uma sociedade onde o capital se tornou tão importante, na qual enfrentam tantas dificuldades financeiras, há a manutenção de uma tradição altruísta, que visa o bem ao próximo e não cobra nada em troca. Esse aspecto da cultura popular é muito importante e deve ser valorizado e registrado para que as próximas gerações compreendam a potência dessas formas de cura no nosso País.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. **II Seminário de História Oral**. Universidade Federal de Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

ALMEIDA, Paula Castro, '**As palavra é que voga**': concepções de cura e saúde entre benzedeadas no município de Pelotas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2015.

BOING, Lucio; STANCIK, Marco Antonio. Benzedeadas e Benzimentos: práticas e representações no município de Ivaiporã/PA (1990-2011). **Revista Ateliê da História**. UEPG, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Legislação do SUS**. Brasília: CONASS, 2003.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita a História**: Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CIPRIANO, Tassia Martins. **Memórias de mulheres quebradeiras de coco babaçu no município de Tocantinópolis-TO**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Tocantins. Tocantinópolis, 2018.

CUNHA, Celina Gontijo & GONÇALVES Clézio Roberto. **Benzeção**: uma prática social. s.d. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/completo/benzecao_uma_pratica_social_CELINA.pdf>. Acesso em 05 out. 2018.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeadas**: memória e tradição oral em terras mineiras. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: estudos da Linguagem. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, MG. 2018.

D'ALESSIO, Marcia Marson. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. **Proj. História**. v. 17. São Paulo, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Rio de Janeiro, 2002, p.314-332.

FRASES de Cora Coralina. Disponível em: <https://www.pensador.com/cora_coralina_frases/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GILL, Lorena Almeida. Trajetórias de Benzedeadas Negras ao Sul do Brasil. **6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

GILL, Lorena Almeida. Benzedeadas em Pelotas (RS): entre o dom, a tradição e a religião. **X Encontro Estadual de História**. Universidade Federal de Santa Maria. 2010.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Contribuições metodológicas da História Oral para a pesquisa em serviço social. **X Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Universidade Federal de Campinas. 2013.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. Velhas Benzedeadas. **Revista de Ciências Sociais Mediações**. Paraná. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14025>>. Acesso em 08 set. 2018.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IBGE. **Conheça cidades e estados do Brasil. Maurilândia do Tocantins**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/maurilandia-dotocantins/panorama>>. Acesso em: 26 out. 2018.

IBGE. Diretoria de Pesquisa e Informações Estatísticas. **Base de Dados Geográficos do Tocantins**. Palmas, SEPLAN/DPIE, janeiro/2012. CD-ROM.

IBGE. **Panorama da cidade de Maurilândia-TO**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/maurilandia-do-tocantins/panorama>>. Acesso em: 01 out. 2018.

IZABEL, Nascimento dos Santos. **Maurilândia do Tocantins**. Escola Estadual Pedro Ludovico Teixeira. 2011.

LAKATOS; MARCONI. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.

MAPA da cidade de Maurilândia-TO: Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Mauril%C3%A2ndia+do+Tocantins+-+TO,+77918-000/@-6.0210384,-47.7377957,39939m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x92daa2a8b9d907ef:0x61974e9926e111a!8m2!3d-5.9529166!4d-47.5084703>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIM Fábio. Desenvolvendo o “Mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37 n°2. 2017. p. 446-460.

GERHARDT; SILVEIRIA (orgs.) Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil-UAB/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benção. **Nneme**. Revista de Humanidades. Universidade Federal do Rio Grande do Norte- Campus de Caicó. 2011. p. 340-369.

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: Costumes e Tradições do ritual de cura pela fé. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2006.

OLIVEIRA, Cícero Costa de. **Cícero Costa de Oliveira**: Depoimento [setembro 2018]. Entrevistadora: Maria Gerlane Alves de Sousa. Garcia. Acervo da entrevistadora, 2018. 24 m 34 s de gravação digital. Entrevista concedida para realização de Trabalho de Conclusão de Curso.

OLIVEIRA, Elda. Rizza. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Elda Rizza de. **Doença, cura e benzedura**: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas, Volume I. 1983.

OLIVEIRA, Oseias de & PADILHA Milene Aparecida. História, memória e benzimentos. **V Congresso Internacional de História**. Universidade Estadual de Maringá. 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro, 1989.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIOS, FÁBIO; Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**. 2013. v. 5. n.1, p. 1-22.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Rev. Estud. Comun.** Curitiba. v. 12. n. 28. maio/ago. 2011. p. 153-159.

SANTOS, Luene Gonçalves dos. A inserção dos benzedeiros no meio popular (Pires do Rio e Palmelo), Goiania.2016.

SILVA, Paulo Kleber Borges da. Saberes e Poderes- A expressividade das benzedeiças Remanscentes em Jaci-Paraná/RO. **Simpósio Linguagens e Identidades na/da Amazônia Sul-Occidental**. Universidade de Rondônia. 2016.

SILVEIRA, Éder Da Silva. **História Oral e memória**: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**. v. 6, n. 12. jul./dez. 2007. p. 35-44.

SOUSA, Marinalva Alves de. **Marinalva Alves de Sousa**: Depoimento [setembro 2018]. Entrevistadora: Maria Gerlane Alves de Sousa. Garcia. Acervo da entrevistadora, 2018. 11 m 36 s de gravação digital. Entrevista concedida para realização de Trabalho de Conclusão de Curso.

SOUZA, Ana Luzia Carneiro de. **Ana Luzia Carneiro de Souza**: Depoimento [setembro 2018]. Entrevistadora: Maria Gerlane Alves de Sousa. Garcia. Acervo da entrevistadora, 2018. 14m30s de gravação digital. Entrevista concedida para a realização de Trabalho de Conclusão de Curso.

SOUZA, Antônio Alves de. **Antônio Alves de Souza**: Depoimento [setembro 2018]. Entrevistadora: Maria Gerlane Alves de Sousa. Garcia. Acervo da entrevistadora, 2018. 17m35s de gravação digital. Entrevista concedida para realização de Trabalho de Conclusão de Curso.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Elizabeth Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TERSARIOL, Alpheu. **Minidicionário Escolar da língua portuguesa**. Erechim: Edelbra, 2000.

VALENTINI, Suzanne Mendes, **Memória e Contemporaneidade: A voz dos Benzedores. VI Simpósio sobre Formação de Professores, Educação, Currículo e Escola**. Tubarão, 2014.

APÊNDICE A FOTOGRAFIA DA CASA DO CÍCERO

FONTE: Acervo da autora.

APÊNDICE B FOTOGRAFIA DO CÍCERO EM SUA RESIDÊNCIA

FONTE: Acervo da autora.

APÊNDICE C FOTOGRAFIA DA MARINALVA

FONTE: Acervo da autora.